

O TRIBOFE: apostando na revista — logro e lucro

Marília Rothier Cardoso

UERJ-LETRAS

AZEVEDO, Artur. *O Tribofe. Rio de Janeiro, Nova Fronteira — Casa de Rui Barbosa, 1986.*

A mesma onda pós-moderna que compôs o videoclip, terá trazido de volta o interesse pelas revistas de ano? O ritmo acelerado, a variedade e o tom circunstancial da revista certamente devem intrigar o semiólogo voltado, hoje, para a análise das complexas produções de música pop. Guardadas as proporções, as duas formas de espetáculo compõem-se em direção a um público de massa. Mímica com a música é o que os aproxima. Sem contar o acabamento milionário que dispensam a temas e materiais pouco nobres.

Todo final de século é nostálgico — para lembrar a observação de Borges, referida por Alexandre Eulálio. Mas cada ocasião — acrescentar-se-ia, em estilo retrô — escolhe um sol especial para fazer reverberar. Nos anos que correm, remontamos *A capital federal*, mas não redescobrimos a revista para o palco. Ao contrário, seu fascínio foi transportado (algo perversamente?) para as páginas de livros, em bem cuidadas (re)edições e ensaios.

Cabe a pergunta: que graça guarda um texto simplista e datado, sem a riqueza dos cenários, o esmero dos figurinos e a alegria da música? Se a complexidade da parafernália eletrônica é que deslumbra o aficionado do rock, tanto quanto a riqueza da montagem das revistas atraía a platéia *fin-du-siècle*, o que é que pode agradar numa série de gírias incompreensíveis compondo anedotas obsoletas? É que o prazer resulta, em qualquer dos casos, do deslocamento do centro de interesse: o show vale pelo brilho que o cerca.

Para o pesquisador, a insignificância do texto, seu envelhecimento inevitável estimulam a curiosidade. Importa descobrir, nas margens do objeto consumido e descartado, pelas gerações

anteriores, fragmentos capazes de resistir ao tempo. E por que não? A crítica também conta com sua parafernália de técnicas semiológicas e recursos hermenêuticos, para dar realce a signos que, de outra forma passariam despercebidos.

Aqui está *O tribofe* de Artur Azevedo, representando essa “revista fluminense do ano de 1891” com todos os requintes de montagem, garantidos pelas ilustrações e fotos de Adamastor Sobroza Filho e, especialmente, pelo cuidadoso estudo de Rachel Teixeira Valença, bem como por suas notas de parceria com Aluísio Azevedo Sobrinho. Como a atividade do ensaísta ocupa o pólo oposto ao da produção de massa, o trabalho de recompor o encanto da revista na imobilidade da página resulta de operar um deslocamento sobre outro deslocamento. Apagam-se os refletores e desliga-se o som para valorizar o pormenor precioso. Põe-se em evidência a multiplicidade de faces semânticas de trocadilhos-clichês. Descobre-se a malícia crítica de metáforas em desuso e o rigor histórico do carrossel de variedades. Em resumo: através de deslocamentos, condensam-se objeto de prazer e objeto de análise.

O tribofe não foi reencontrado casualmente. Tomou-se o logro por verdade para tirar partido do equívoco. Despojado de seus cenários, *O tribofe* continua sua carreira de driblar nas apostas. O lucro é proporcional ao logro, nesse ano de 1891 — aliás, 1986 — de crises de aluguéis, taxas de ágio e Constituinte.

Enquanto os admiradores de Artur de Azevedo contavam com a vitória certa de *A capital federal*, apostou-se em *O tribofe*. A comédia apurou a intriga e os expedientes de cena da revista e ficou na lembrança do público. A *O tribofe*, como ao ano de 1891, sucederam outros — *O major*, *A fantasia*, *O jagunço*, *Gavroche*... Nem se sabe mais o que seja “tribofe” — essa figura da quadra do encilhamento. No entanto, aqui está *O tribofe*, nos páreos e nas bancas.

As décadas de oitenta, nos oitocentos como agora, gostam mesmo é do descartável. Buscamos recuperar, com o besteiro, o sucesso das revistas de ano. Frivolina — a musa dos revistógrafos — volta aos palcos, com uma verve mais grosseira. O que perde em sutileza, compensa num humor mais amargo. Os tempos são pós-utópicos. Vários traços, no entanto, mantêm-se os mesmos — a caricatura da política, a variedade e as referências metateatrais.

As Frivolinas do besteiro de hoje em dia continuam, como no primeiro ato de *O tribofe*, a discutir com pseudo-espetadores os meios e modos da representação. Quanto menos experimenta

soluções de vanguarda, mais o teatro se auto-encena para questionar-se, mesmo levando-se pouco a sério. Então, como agora, aplica-se o tribofe sem má-fé.

Avisa-se ao respeitável público que palco e platéia entram no mesmo jogo de azar. Ao contrário do ídolo de rock, o ator da revista/besteiro não se promove; sua face é neutra para adaptar-se às máscaras de diferentes personagens. Frivolina convoca Tribofe ao palco para tomar “sucessivamente todas as fisionomias e personalidades” do ano que se encerra.

Tribofe: significante (hoje), vazio de sentido, personagem-coringa, jogada que se revela blefe, sem deixar, por isso, de lograr. Nada mais atraente para o semiólogo. O tempo e a mudança de circunstâncias históricas encarregaram-se de reforçar o jogo metadramático da revista. Dessa forma seu texto tornou-se exemplar.

Se se quiser conhecer o texto, montando-o imaginariamente, em faz-de-conta que se é espectador da época, pode-se ler as notas, primeiro que tudo, como se se folheasse uma pilha de jornais antigos. Caso se prefira a leitura detida do estudioso, que volta páginas e confronta cenas, é interessante enxertar as notas, a cada passo que o texto se esquivava à compreensão. Mais interessante, talvez, é a leitura do dileitante, que monta a peça a seu bel-prazer, saltando partes e acrescentando notas de suas pesquisas pessoais. Acrescente-se, a isso, o sabor especial das observações — jóias de colecionador — feitas pelo filho de Artur Azevedo. Como se, depois de ver uma peça da virada do século, fôssemos encontrar o autor, em botequim próximo, disposto a um copo de vinho e a um papo de fim de noite.

Qualquer fantasia cabe, nesse palco de papel, já que autor, editor e organizador da edição, sendo tribofes, prestam-se à qualquer papel. Se o trocadilho soa mal, é porque ainda estamos pouco à vontade na onda atual de nostalgia pós-milagre (o encilhamento/versão século vinte). Nossos espetáculos de massa recompõem a *féerie* da revista, mas abafam sua leveza, com a potência de seus amplificadores. Para compensar, a televisão — na sua mistura de clips, gags e telejornais — não deixa de compor sua série de revistas do dia, graças a uma variedade de recursos, produtores de “mágicas, mutações e apoteoses”.

A edição de *O tribofe*, estabelecida com rigor, resgata o texto do esquecimento, trazendo-o para a convivência do leitor atual. Para tornar agradável tal convivência, monta-se, com notas, estudos e ilustrações, o cenário, figurino e partitura musical com que o volume é apresentado. E os aplausos do público —

no caso, mais restrito — virão, seguidos dos pedidos de bis, pois direção, músicos e atores são dos mais competentes.

Saindo do teatro, no entanto, os espectadores podem sentir-se fascinados mas algo logrados também. É que todo o apuro da reprise concentra-se na admiração do modelo. O interesse volta-se para o rigor da reapresentação, ficando o questionamento para segundo plano. Para bom entendedor, no entanto, Frivolina soube passar do palco ao livro — adicionou uma ponta de dúvida ao prazer da revista. Houve tribofe, mas onde? Quando?

E o espetáculo não pára. Recomenda-se, ao público, o programa seguinte, onde se assiste, em compacto, *as revistas de ano e a invenção do Rio de Janeiro* de Flora Süssekind. Semelhante cuidado na montagem, combina-se, aí, com grande cautela diante de tribofes. Acompanhando a construção feérica do palco-capital ideal, o ensaio capta a crise que mina a utopia em suas próprias origens. Atenção: o olhar pós-moderno sobre aquele outro fim-de-século pode também fazer, de sua desilusão presente, binóculo para olhar o duvidoso brilho eufórico da modernidade passada.